

TINTAS ARTESANAIS PARA USO NA XIROGRAVURA

DIEGO HENRIQUE BARBOZA¹; ANGELA RAFFIN POHLMANN²

¹*Universidade Federal de Pelotas – diego.hrq@gmail.com*

²*Universidade Federal de Pelotas – angelapohlmann@gmail.com*

1. INTRODUÇÃO

Este resumo apresenta resultados parciais de uma pesquisa que está sendo desenvolvida no Atelier de Gravura da Universidade Federal de Pelotas, sobre a fabricação artesanal de tintas para uso na xilogravura.

Neste trabalho, visamos o uso de substratos orgânicos e/ou alternativos para fazer tintas, retornando as origens primárias da fabricação de tintas. Assim, nosso objetivo é a busca de novos resultados estéticos em xilogravuras frente às tendências do século XXI rumo à sustentabilidade e à incorporação de substratos antes descartados, acessíveis e de baixo custo.

As tintas são materiais geralmente líquidos constituídos de pigmentos, resinas, solventes e aditivos. "Os primeiros relatos do uso de tintas são dos períodos anteriores há 30.000 anos associadas a pinturas em paredes rochosas realizadas por sociedades nômades primitivas" (MELLO; SUAREZ, 2012).

Eram usados pigmentos inorgânicos finamente moídos. Entre eles: "hematita (vermelho), goethita (amarelo), caulinita (branco) e pirolusita (preto). Para conseguir cores intermediárias, muitas vezes eram usadas misturas desses minerais" (Idem, ibiden). Há indícios que usavam também o carvão mineral e vegetal para o preto.

Outras civilizações antigas utilizavam a goma arábica ou a gema ou a clara de ovo como resinas. "A mistura de pigmentos com goma arábica [...] depende das proporções entre resina, solvente e pigmento. Já no caso do uso de clara ou da gema de ovo, a tinta é conhecida como têmpera" (MELLO; SUAREZ, 2012).

A minimização de resíduos é um importante elemento para o desenvolvimento sustentável, pensando nisso podemos usar como componentes de tintas substratos antes descartáveis e/ou alternativos. Alternativas para pigmentos seria o uso de folhas, flores, grãos, líquens, cascas de árvore, beterraba, frutas, erva-mate, carvão, pó de café, hena, giz de lousa, giz pastel seco e/ou oleoso, anil, cinzas de fumo, alcatrão, gesso ou pó de toner.

Para extração de alguns pigmentos, principalmente os de cascas e folhas de árvores, a extração é feita com água fervente. E como solventes podemos usar água, leite, urina, betume, terebintina.

2. METODOLOGIA

A fim de preparar tintas para xilogravuras os componentes básicos das tintas foram selecionados com a finalidade de obter uma viscosidade adequada.

Os pigmentos foram extraídos por trituração, com exceção do pigmento do urucum, que se extraiu por imersão em álcool.

Tinta de terra

Mistura de goma arábica (resina), gema de ovo (resina), glicerina (umectante), água (solvente) e terras argilosas em vários tons (pigmento) (Figura 1).



Figura 1: Preparação da terra antes da mistura com outros componentes da tinta.

Tinta de fezes de lagartas de borboleta e pulgão

Mistura de goma arábica (resina), cola artesanal (aglutinante), álcool (solvente) e fezes de lagartas e pulgão amarelo (pigmento).

Tinta de Giz de Lousa

Mistura de óleo de soja reutilizado (resina), cola artesanal (aglutinante), água e urina (solvente), pó de giz (pigmento).

Tinta de Urucum

Mistura de goma arábica (resina), glicerina (resina), álcool (solvente) e urucum (pigmento).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Entre essas impressões tive bons resultados de cores e textura. Mas para que sejam mantidas as cores e não se tenha problemas com fungos, é importante adicionar às tintas aditivos como fungicidas (limão, vinagre) e tomar cuidado com o sol. Exceto as tintas de terra e giz, que são resistentes.

Tinta de terra

O impresso ficou com textura, devido à granulação do pigmento. Mas sendo possível também alcançar uniformidade com uma maior separação dos componentes da terra. A cor obtida foi o preto (Figura 2, 3 e 4), lembrando que a cor varia de acordo com a com da terra e que é importante que ela seja bem argilosa, pois quanto mais argilosa a terra for, mais rica em pigmento ela é.



Figura 2: Xilogravura "Motivos" de tinta de terra.



Figura 3: Xilogravura "Visão com Boi" de tinta de terra.



Figura 4: Monoprint "Texturas" de tinta de terra misturado com outros corantes.

Tinta de fezes de lagartas de borboleta e pulgão

O impresso adquiriu uma cor entre o verde musgo e o cinza (Figura 5). Em outro teste utilizando cola de madeira, a tinta adquiriu uma tonalidade a mais devido a cola de madeira ser amarela e o seu excesso pode fazer com que a tinta se torne um polímero gelatinoso.



Figura 5: Xilogravura "Índio" de tinta de fezes de lagarta e pulgão.

Tinta de Giz de Lousa

Adquiriu textura, mas com um maceramento ou coamento dos pigmentos é possível adquirir maior uniformidade. Foram feitas tintas de várias cores de giz (Figura 6 e 7), sendo possível o branco.



Figura 6: Xilogravura "Paisagem" de tinta giz de lousa.



Figura 7: Xilogravura "Índio" de tinta de giz de lousa misturado com batom.

Tinta de Urucum

Cor obtida foi intermediária entre o amarelo e o laranja (Figura 8). O urucum desbotá fácil com a incidência do sol.



Figura 8: Xilogravura "Espiral" de tinta de Urucum.

4. CONCLUSÕES

Concluímos que a utilização de compostos alternativos para fazer tintas artesanais para impressão de xilogravuras foi importante na obtenção de texturas e cores não usuais.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

MELLO, Vinicius. M.; SUAREZ, Paulo. A. Z. - As Formulações de Tintas Expressivas Através da História. **Revista Virtual Química**, 2012, 4 (1), 2-12. Data de publicação na Web: 5 de março de 2012. Acessado em 22 de julho de 2015 Online. Disponível em <http://www.uff.br/RVQ/index.php/rvq/article/view/248>.

Agradecemos ao CNPq e à FAPERGS pelo apoio às pesquisas que deram origem a este texto.